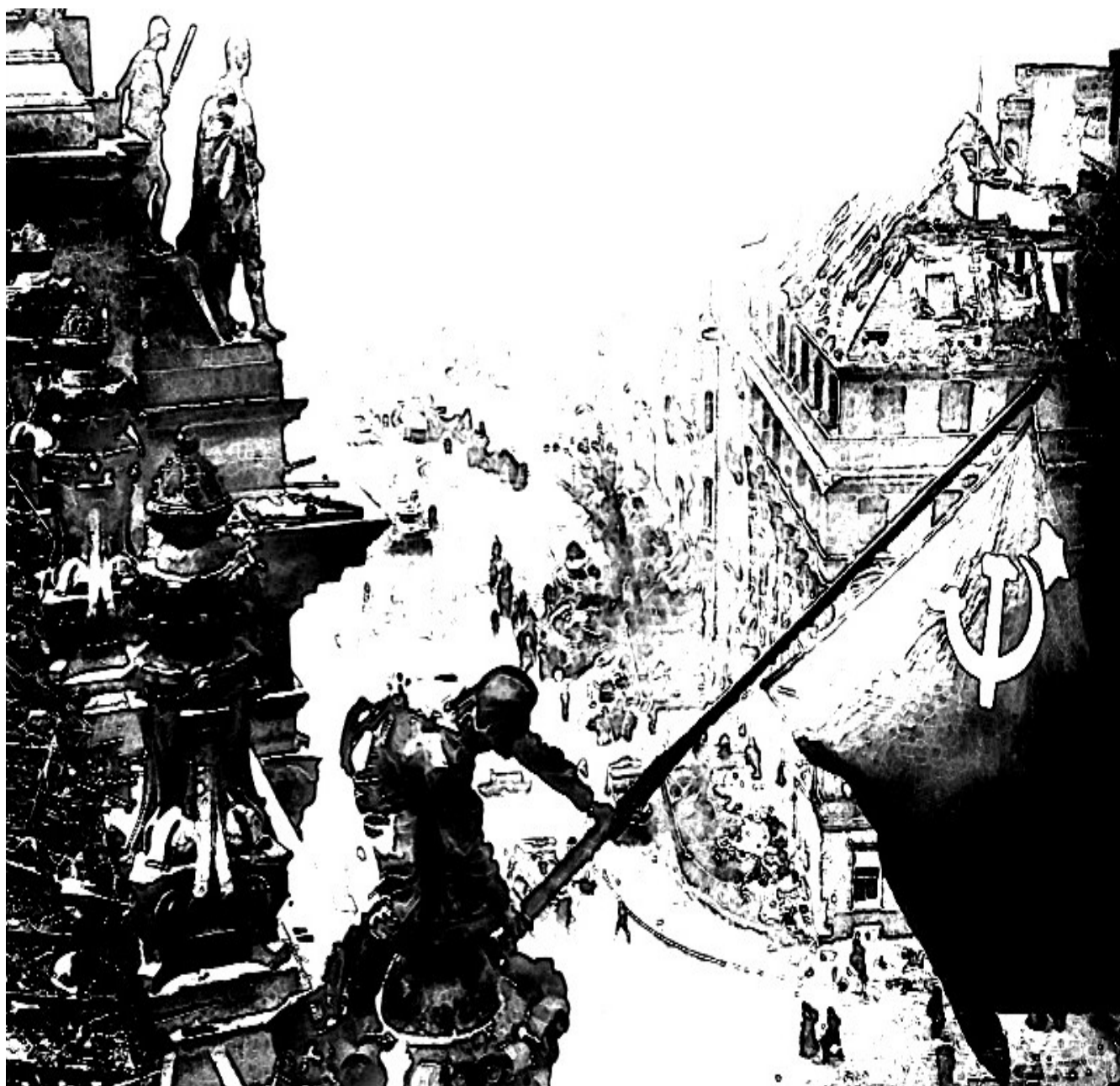


Ateneu Proletário Galego Nº2

# Quem somos nós? Quem é o nosso inimigo? Em que terreno lutamos?



Preço - 1,50 €

---

*ateneuproletario.wordpress.com*

*ateneuproletariogalego@gmail.com*  
*ateneuproletariogalego@yahoo.com*

---

---

## Índice

Prólogo	4
O trabalho político para o marxismo-leninismo	6
A nossa realidade social. Quem somos nós? Quem é o nosso inimigo? Em que terreno lutamos	9
Galiza colónia? A contradição Galiza-Espanha	13
Cosmopolitismo, o movimento obreiro, o movimento independentista e o nosso inimigo	16
Que é o nacionalismo?	18
Evolução social e breviário revolucionário	19
Perguntas frequentes e breviário revolucionário	22
Sobre a privatização das caixas	30
Do decrescimento e do eco-pacifismo	32
As greves gerais. Resultados e perspectivas	36
Para que trabalhamos? Os objectivos estratégicos do proletariado galego	40
Prognóstico social: quatro hipóteses	41

Edita: **Ateneu Proletário Galego**, Julho 2011

---

---

## Prólogo

É um prazer apresentar-vos este o segundo número do Ateneu Proletário. Neste número introduzimos o conceito de socialismo científico (SC), que nom fora tratado no número anterior. Tanto neste número como no anterior (1 e 2 do APG) estamos introduzindo conceitos novos para muita da militância (filosóficos, políticos e económicos). Tentamos, em primeiro lugar, contribuir tanto a fazer umha correcta interpretação da complexa realidade social que nos toca viver como proletariado galego, como na busca da linha política justa para a militância revolucionária.

Para entendermos o mundo real temos que assimilar correctamente conceitos como o de riqueza, o excedente social, o capital, a plusvalia, o poder político, a sociedade nacional, o proletariado, a burguesia, o progresso social, a luta de classes, etc. Tamém temos que estudar leis sociais objectivas como a lei do desenvolvimento desigual combinado, a lei do valor, lei da taxa de lucro meia, lei da tendência à diminuição da taxa de lucro meia, etc.

O nosso trabalho político, ainda que materializado por umha determinada pessoa, é sempre colectivo. Porque cremos na crítica e auto-crítica colectiva como método de trabalho político. Co nosso trabalho aspiramos a realizar um labor construtivo, prático e produtivo na busca da linha política justa para o proletariado e o resto do povo trabalhador. A tarefa nom é fácil, entre outras cousas porque partimos dum trabalho prévio insuficiente nos (e dos) movimentos revolucionários, ademais da necessidade de superar as contradicções inerentes a uns movimentos com um desenvolvimento muito menor do que as suas potencialidades.

Quando quem redige um texto, ou dá umha conferência, domina cientificamente o tema tratado, parece-nos que é mui

---

fácil de entender. Quando nom o domina, parece mais complexo do que realmente é. Mas nom é que seja complicado, senom que a pessoa está dominada pola confusom e esta mesma confusom dificulta a compreensom. E necessitamos sermos capazes de compreender.

Tamém imos tentar respostar a umhas perguntas que qualquer proletária que pretenda fazer umha actividade política revolucionária se deveria fazer. Dous camaradas encargárom-se de preparar estes breviários.

Muitas organizaçoms políticas supostamente revolucionárias nom só nom respostam a estas perguntas, senom que nem tam sequer som conscientes da sua importância.

Escolher o caminho da verdade revolucionária é seguir o marxismo-leninismo, que é o contrário a escolher o caminho das modas, da “opiniom pública”, do proveito curto-prazista ou do dogmatismo castrador.

As organizaçoms revolucionárias devemos tentar responder estas perguntas: qual é a metodologia científica dos revolucionários? Quem somos nós e quem som os nossos amigos? Quem é o inimigo? Em que terreno combatemos? Que caracteriza este momento histórico concreto? Quais som os nossos objectivos e qual é a linha política justa para conqueri-los? Qual será a evoluçom social futura?

Neste número imos tentar respostar a estas e outras perguntas importantes.

Estamos muito agradecidas aos camaradas que trabalhárom nos artigos, tanto por adaptá-los aos nossos desejos como por nos deixarem recurtá-los para adaptá-los às nossas limitaçoms de espaço.

As autoras destes artigos entendérom que o trabalho colectivo

---

é muito mais enriquecedor que o individual. Também entendérom que a responsabilidade de cada artigo é individual, da pessoa que o redigiu, e que também é a sua responsabilidade enriquecer-se intelectualmente co trabalho dos demais.

Fazemos um chamamento para quem quiger ajudar-nos no nosso trabalho a que se some ao projecto de fortalecer os movimentos revolucionários da Galiza baixo as bandeiras do proletariado.

A verdade é a melhor arma revolucionária!

Paremos a ofensiva do capitalismo!

A luta é o único caminho!

Viva a Pátria Socialista Galega!

---

## **O trabalho político para o marxismo leninismo**

O trabalho político segue um processo que imos tentar explicar.

Primeiro imos fazer, igual que na medicina, um diagnóstico. O nosso diagnóstico tem como base a metodologia do materialismo histórico (MH). Identificamos as classes sociais e os principais sectores dentro de cada classe. Estudamos o seu papel, as suas relações, que classes tenhem interesses antagónicos, qual é a correlaçom de forças entre elas, etc. Perguntamo-nos: Quem somos nós e que amigos temos? Quem é o inimigo? Em que “terreno” se produz o enfrentamento? E empregamos a crítica e auto-crítica

---

colectiva para entendermos como evolui a luta de classes e como pode evoluir no futuro.

O socialismo científico (SC) permite-nos receitar o tratamento adequado à enfermidade: que tática, que estratégia e que estilo de trabalho som os adequados para levar adiante umha linha política justa. A partir desta linha política desenvolve-se o trabalho em cada sector social concreto mediante a propaganda, a agitação e a organização adequadas.

O nosso diagnóstico e ainda mais frequentemente o nosso prognóstico e tratamento devem ser revisados periodicamente, atendendo às mudanças da realidade social. Igual que umha médica fai análises e toma as constantes vitais do paciente, nós temos que fazer o mesmo na sociedade e comprovar que efeitos secundários tem o tratamento (a nossa praxe na luta) para assi podermos ir adequando o tratamento. E isto só é possível desde a (auto)crítica colectiva. Nunca insistiremos o suficiente neste ponto.

Portanto a nossa atitude nunca pode ser a do místico que encontra no livro sagrado o caminho fora da história, nem a de quem segue acriticamente as análises dos seus gurus. Seguindo co exemplo da medicina: estudamos um caso clínico concreto, sabendo que nom existem duas pacientes iguais, sabendo que hai que seguir umha metodologia científica. Que provas, que tratamento, como fazer o seu seguimento, como evitar os efeitos secundários, etc.

Para isto nom existe um manual acabado que podamos copiar, senom umha metodologia científica que utilizar na nossa sociedade nacional (o socialismo científico ou marxismo-leninismo), e umha tradição de lutas obreiras e populares da que aprender.

Como dijo Lenine: “a análise concreta da realidade concreta”.

Chegados a este ponto devemos fazer um incisso. No estudo

---

da sociedade podemos separar certos conceitos, funções, estruturas (partes da totalidade social) para assim facilitarmos a compreensão. Seguindo o exemplo anterior da medicina, podemos estudar o esqueleto separado do resto do organismo humano. Mas um esqueleto separado não é nunca parte dum ser humano vivo. O conjunto é muito mais que a soma das partes, pois as relações entre as partes são qualitativamente superiores. O esqueleto só é realmente o mesmo em relação estreita e profunda ao resto do ser humano. Reparemos então que a separação que fizemos serve para facilitar o nosso estudo só se não olvidamos que o esqueleto só tem sentido rodeado e (inter)dependente dum aparelho respiratório, sistema circulatório, digestivo, urinário, nervioso...

Nas nossas análises temos que ser muito cuidadosos com não confundir o que estudamos (o objecto de estudo) com as ferramentas explicativas que empregamos. Assim, por exemplo, a teoria económica marxista baseia-se na divisão do trabalho entre trabalho abstracto e trabalho concreto. Mas esta é uma separação conceptual para facilitar as análises, pois na realidade objectiva e material são inseparáveis. Quantas desavenças encontramos na Galiza, por exemplo, por não distinguir os dois planos e por confundi-los? Pensei na divisão (conceptual) entre as diferentes opressões que se podem encontrar num organismo social x: opressão nacional, de classe, de sexo-género, racial, etc. A realidade é uma, é única e inseparável nos seus componentes. Confundir a realidade com uma má explicação pode conduzir a posturas reaccionárias. Olvidar que numa unidade social as diferentes opressões se relacionam dialecticamente e que entre elas se estabelecem relações hierárquicas leva ao essencialismo e ao interclassismo, ao esquerdismo infantil, ao feminismo reformista e interclassista, ao racismo, etc

Ariadna Minos.



---

## **A nossa realidade social. Quem somos nós? Quem é o nosso inimigo? Em que terreno lutamos?**

Neste artigo tentarei usar a mesma terminologia usada no artigo de Áriadna do número anterior do APG.

Para saber quem somos nós hai que saber qual é a nossa unidade social (a sociedade nacional), qual é o quadro social (e portanto também territorial) no que se dá a luta de classes, quais som os nossos interesses dentro desse quadro e daí derivada qual é a nossa identidade nacional e social.

A nossa unidade social é a sociedade galega, o povo galego. Dentro desse quadro os nossos interesses como proletários coincidem nas tarefas imediatas co resto do povo trabalhador. O nosso carácter de proletárias que vivemos e trabalhamos numha sociedade nacional e quadro autónomo de luta de classes fai que os nossos anseios se materializem na construçom da Pátria Socialista Galega. O nosso carácter proletário fai que os nossos interesses sejam os do proletariado mundial. Os interesses da Pátria Socialista Galega e os da Revoluçom mundial som inseparáveis.

Temos que ter claro que o nosso carácter histórico como seres humanos está marcado pola sociedade e a época na que vivemos, que no nosso caso é a Galiza actual. As naçons, os povos e as classes existem objectivamente e determinam o nosso papel na história. O carácter nacional nom nos fai nem melhores nem piores que outro povo, só nos fai únicos. Em síntese: toda obreira concreta tem um carácter histórico e nacional.

Portanto, nom podemos falar de Pátria, povo, naçom,

---

sociedade, ou classe obreira, sem ter identificado de qual estamos a falar.

Umha sociedade nacional (e a sua divisom interna, que no caso da Galiza é umha divisom em classes antagónicas) é umha realidade objectiva à marge de qualquer opiniom dum observador burguês.

Nos ultimos 30 anos “as empregadas por conta alheia” passárom de menos de 500.000 a mais de 1.200.000. Esta cifra dá-nos umha ideia do proletariado como a classe mais importante quantitativa e qualitativamente na sociedade galega contemporânea. Se unirmos ao proletariado os camponeses, mariscadoras, auto-empregados como autonómos sem empregadas (que entre todos formam o povo trabalhador galego) vemos que formamos a maioria da sociedade galega e que somos a maioria os que precisamos o socialismo.

Nos ultimos 30 anos a produtividade de umha hora de trabalho disparou-se, produzindo-se agora mais de 40 vezes mais por hora trabalhada.

Onde ficou a desapareçom da classe obreira, onde “o estado do bem estar”, onde a desapareçom da luta de classes, onde o pleno emprego, onde a fim da fame no mundo, onde “a sociedade da informaçom“, onde “a sociedade do ócio” e todas as demais mentiras da burguesia?

No ano 2009 a quantidade dos esfameados do mundo seguiu a tendência histórica no capitalismo de constante incremento, acadando o record ao superar os 1.000 milhons de pessoas.

No ano 1980 os salários eram o 63% do PIB nacional, as rendas do capital 27%. Hoje as rendas do capital superam o 50% do PIB, a pesar do grande crescimento da classe obreira.

---

Numericamente a classe obreira cresceu de 500.000 a 1.200.000, mais dum 120%, produzindo um 4000% mais no mesmo tempo. Entom como pode ser que nom tenham fundo para pensons? A explicaçom é singela, hai muita riqueza, o que passa é que é menor a fracçom de riqueza coa que queda a classe obreira. Cada dia roubam-nos mais.

O capitalismo decadente levou ao povo galego a umha situaçom de retrocesso social mediante umha autêntica ofensiva reaccionária. Prova disto é o grande aumento do desemprego, que em termos reais passa das 310.000 pessoas!

A suba do IRPF levou a que os salários fossem menores no 2010 que o ano anterior. A suba do IVE, a reforma laboral, recortes na sanidade, recortes laborais, a suba da energia e produtos de primeira necessidade, os EREs, reforma dos convênios, reforma das pensons, etc fam parte desta ofensiva.

Ante esta temos que ter umha primeira resposta pola que lutar: a greve geral, reivindicando um programa de mínimos revolucionário: 1) imediata suspensom das reformas anti-obreiras; 2) liberdades políticas para classe obreira: greve, expressom, reuniom, manifestaçom, organizaçom e autodeterminaçom, etc (o que pressupom a amnistia para os presos políticos); 3) nacionalizaçom da banca; 4) trabalho digno para todas; 5) nacionalizaçom dos oligopólios; 6) control democrático pola classe obreira sobre a produçom, transporte e comercializaçom; 7) autodeterminaçom nacional garantindo a liberdade de agitaçom e propaganda pola independência; 8) autodeterminaçom social que nos permita a independência e o socialismo.

Alguns pensarám: e é este um programa de mínimos? É. Nom é tempo só para proclamas democrático-burguesas, a necessidade histórica para a revoluçom socialista (a

---

importância quantitativa e qualitativa da classe obreira na nossa sociedade e o desenvolvimento das forças produtivas) já é umha realidade, e só a classe obreira pode revolucionar a sociedade. Por que rebaixar o nosso programa? Por quem esperamos, pola pequena burguesia? Seria inútil, o seu tempo quedou atrás. Por isso a classe obreira deve cumprir o seu papel histórico e construir, junto co resto do povo trabalhador e co resto dos povos do mundo o socialismo e o comunismo.

### **Quem é o inimigo? Em que terreno lutamos?**

Em termos abstratos e mundiais o nosso inimigo é o imperialismo, que nom é mais que a ultima fase do capitalismo. O capitalismo nom é mais que um modelo histórico de relações sociais, nas que umha classe minoritária vive no luxo explorando o trabalho doutras classes que sofrem a exploração, a opressom e a dominaçom (a classe obreira e o resto do povo trabalhador).

Somos algo mais que indivíduos dumha espécie. Somos membros de classe obreira. Somos parte dessa maquinária, dessa unidade social dialéctica, num determinado espaço histórico e geográfico da luta de classes: a sociedade galega. E temos que chegar à conclusom de que a orige dos maiores problemas da humanidade é o nosso modelo social, é o tipo de relações sociais que temos e sofremos.

O capitalismo esta esgotado como factor histórico que trai progresso à humanidade. Tanto os povos como a humanidade no seu conjunto temos no capitalismo o maior dos problemas. Um monstro que oprime, explora, esfameia, ou mata na guerra a maior parte da humanidade, para poder enriquezer a umha pequeníssima parte privilegiada.

Igual que a classe obreira jogamos o nosso papel histórico revolucionário, a oligarquia tamém joga o seu papel. É o

---

segmento hegemónico da burguesia (e cada dia mais) e portanto o nosso maior inimigo.

Na nossa sociedade nacional quem é esta oligarquia? A espanhola. Mas é um grupo mui reduzido de pessoas, e mais reduzido ainda os membros da oligarquia espanhola que fazem parte da sociedade galega! Vemos que só podem manter este sistema neo-fascista (fascismo “moderno” com aparência democrática) transformando a sua influência externa num factor interno, utilizando umha parte da sociedade galega (a burguesia galega, o clero galego, desclassados como os elementos repressivos, etc) e fazendo assi que todos estes também formem parte dos inimigos do povo.

J F Sebastiam.

---

## **Galiza colónia?**

### **A contradição Galiza – Espanha**

Nom consideramos a situação da sociedade galega actual como umha colonia devido a: 1) Galiza já está industrializada, nom é a colónia da que basicamente se extraem matérias primas sem elaborar; 2) na nossa sociedade existe umha classe burguesa própria; 3) a maior parte do aparelho repressivo do estado está formado por galegos; 4) a classe camponesa é minoritária e ademais esta mui envelhecida; 5) a contradição campo-cidade tem pouca importância na sociedade galega; 6) o colonialismo precisa do atraso científico-técnico, necessita umha sociedade agrária e mineira, sem indústria, e Galiza é umha sociedade europeia industrializada.

O de Galiza versus Espanha leva à confusão, porque Galiza é um povo que como tal objectivamente nom se enfrenta às

---

“hordas” espanholas que chegam do exterior. Isso é pura fantasia. Tampouco está dividido o seu território em zonas galegas e zonas espanholas, ou bairros galegos e bairros espanhóis.

O de Galiza vs Espanha não descreve a realidade social galega, distorce a nossa realidade até fazê-la irreconhecível, e contém uma semente que poderia levar ao racismo e a xenofobia.

Para que fique claro: rejeitarmos a hipótese da contradição Galiza-Espanha não significa: 1) negarmos a opressão nacional, também expressada como contradição nacional antagónica; 2) tampouco significa negar o carácter nacional da classe operária galega e de toda a nossa sociedade; 3) tampouco significa minusvalorar o carácter revolucionário do movimento de libertação nacional. No MLNG e no MOG (movimiento obrero galego) encontramos as pessoas mais generosas, valentes, revolucionárias, comprometidas com o bem comum (tanto presente como futuro, tanto para o nosso povo como para toda a humanidade), que pode oferecer o povo galego; 4) tampouco significa negar (no plano da subjectividade) a contradição entre o nacionalismo espanhol e o nacionalismo galego (independentismo vs espanholismo); 5) tampouco significa duvidar da necessidade do caminho da independência e o socialismo unidos indissoluivelmente para conseguirmos o progresso social para o povo galego e a humanidade; 6) tampouco significa que legitimemos as organizações nacionalistas espanholas, que nos negam (na teoria e/ou na prática) como classe operária do povo galego, pois defendemos firmemente o direito de autodeterminação da nossa classe e a necessidade da construção dum estado proletário galego; 7) tampouco significa que admitamos qualquer tipo de aliança com organizações espanholistas, com a única excepção da solidariedade anti-repressiva.

Tampouco podemos admitir como correctas as teorias

---

dumha só contradiçom, ou dumha tripla opressom. Na Galiza encontramos este tipo de “explicaçoms” mecanicistas em supostos marxistas. Nós pensamos que daí derivam problemas práticos de difícil superaçom. Em qualquer sociedade existem um grande número de diferentes e múltiplas contradiçoms. Todas fam parte do mesmo organismo social; umhas som antagónicas e outras nom. Dizer que só existe umha contradiçom, ou falar dumha tripla opressom sem distinguir entre elas (igualando-as, nom explicando as suas diferenças, olvidando as relaçoms entre elas) é confundir, escapar da necessária análise social concreta.

Continuemos. Na sociedade, como já dixemos, existem um grande número de contradiçoms interactuando. Tamém a nível subjectivo hai umha contradiçom entre o ateísmo e a crença num deus, entre o materialismo e o idealismo, entre a dialéctica e o mecanicismo, entre o vegetarianismo e o omnivorismo, entre o materialismo dialéctico e as explicaçoms ideológicas do mundo, etc,etc,etc. Na realidade, na rua nom se enfrentam os crentes às ateas, no mundo das ideas, da subjectividade, si que se enfrentam.

Assi, para entender a realidade social, para entender toda a sua complexidade, temos que diferenciar entre o que fam as pessoas e a explicaçom subjectiva em que baseam as suas crenças. Porque esta explicaçom pode estar baseada no conhecimento científico ou pode ser umha mentira ideológica fruto da alienaçom.

Na sociedade objectivamente existente o enfrentamento é entre o povo trabalhador galego coas suas organizaçoms, co proletariado à cabeça, e a oligarquia espanhola co seu estado. Vemos assi como a luta de libertaçom nacional tamém é umha guerra civil interna. Por todo isto afirmando a contradiçom antagónica entre o nacionalismo espanhol e o

---

nacionalismo galego, negamos “a contradición Galiza-Espanha”.

Vejamos um exemplo no particular: se a umha obreira galega lhe perguntas que é, é fácil que responda: “som umha espanhola de classe média”. Por que? Porque está alienada. O que é esta pessoa é umha cousa e a explicação que dá da realidade é outra diferente.

A luta de classes está presente em todas as esferas da existência social e individual, tanto na objectividade social como na subjetividade. A luta de classes, a contradición hegemónica na nossa sociedade, está presente em, determina e delimita todas as demais contradicións num grau qualitativamente superior às demais contradicións presentes na sociedade. Ainda assi, remarcamos outra vez que na luta de classes, no enfrentamento entre o proletariado galego e o capital co seu estado o espanhol (tanto no MOG, como no MLNG) está presente a contradición nacional. Só que o enfrentamento entre a classe obreira galega e as classes exploradoras dá-se a pequena ou média escala todos os dias, estourando na rua de maneira periódica. E a contradición nacional entre galeguismo e espanholismo nom provoca na rua este nível de enfrentamento.

Légolas E.

---

## **Cosmopolitismo, o movimento obreiro, o movimento independentista e o nosso inimigo**

Nom é o mesmo o MLNG (movimento de libertação nacional galego) e o MOG (movimento obreiro galego). Os dous som os movimentos sociais mais revolucionários da sociedade galega actual. O futuro destes movimentos depende de que estejam



---

encabeçados polo proletariado revolucionário, que este saiba dotá-lo dumha teoria científica e dos modelos organizativos adequados à realidade histórica.

Na sociedade galega (como em todas) existem múltiplas contradições sociais. No particular, no concreto, o proletariado, como o resto das sociedades, tem um carácter inevitavelmente nacional. Porque a humanidade é assi. As pessoas nom podem ser cosmopólitas, porque as sociedades humanas se organizam formando unidades sociais nacionais. Umha pessoa pode viver e trabalhar em várias sociedades nacionais ao longo da sua vida. Mas na vida de qualquer pessoa hai um limite pequeno no número de sociedades nas que aporta as suas qualidades e das que recebe uns conhecimentos e umhas tradições. A vida limitada das humanas fai que jamais poidamos ser verdadeiramente cosmopólitas. Porque a “sociedade universal” nem existe nem pode existir, e participar de todas as sociedades é impossível. As sociedades das formigas nom tenhem diferenças nacionais, elas si que som cosmopólitas!

Sabemos que o geral se materializa no particular. É mui fácil fazer um manual do geral e aprender o geral. Mas sem entender o particular, a realidade social nacional num momento concreto, por exemplo, nom poderemos avançar na sua transformação.

Voltemos à ideia da contradição capital-trabalho. No nosso caso particular esta contradição apresenta politicamente a forma de luta de libertação nacional e social. O estado da oligarquia basea-se profundamente no espanholismo (nacionalismo imperialista). Só desde a liberdade dos povos pode existir fraternidade, e hoje é o proletariado galego quem está chamado a construir umha Galiza livre de opressom nacional. Já nom a burguesia galega, sem possibilidade de se separar da oligarquia espanhola. Só nós podemos cumprir esta tarefa democrática básica. E só baixo a bandeira do

---

socialismo teremos a força e a firmeza suficientes.

Esta é a realidade e como tal tem que ser entendida e estudada no MLNG e no MOG.

Olho, o MOG e o MLNG nom som a mesma cousa, mas movimentos mui diferentes. Por isso as formas organizativas, de agitaçom e propaganda tenhem que ser diferentes. Mas em ambas as duas o proletariado revolucionário deve ser quem lhe dê a linha política justa.

Cada movimento social tem as suas próprias características, mas o inimigo é o mesmo. E ante el a estratégia só pode ser umha, porque só existe umha realidade e o combate nom é nos textos nem no mundo das ideias, mas nas ruas. O único caminho de futuro é o do proletariado revolucionário junto aos seus aliados, que seguem a linha política justa cara a conquista do poder político, a independência e o socialismo.

Efesto F.

---

## **Que é o nacionalismo?**

Eu nom gosto de chamar-me nacionalista. Nacionalista só, nom aclara nada, é como dizer classista sem mais. De que classe? Nacionalista burguês chauvinista? Nacionalista dum povo trabalhador que sofre a opressom nacional e luta por conquistar o poder político e construir a Pátria socialista? Nacionalista espanhol ou a sua negaçom, nacionalista galego? Esta é a chave. O nacionalismo é um conceito histórico, depende do carácter de classe que seja opressor ou liberador. Depende da situaçom concreta seremos ou nom nacionalistas.

Os comunistas cubanos ou vietnamitas sem dúvida que som patriotas ao defenderem com unhas e dentes a sua soberania.

---

Observai como respeitam a Pátria nova socialista, a bandeira, o hino, ou como têm consciência da sua identidade nacional.

Por isso preferimos na Galiza o termo independentismo. Ainda que não há dúvida que somos consecuentemente nacionalistas na forma e no fundo. Porque é na prática política e não na semântica como se definem as/os revolucionárias/os. E porque é no contexto que a palavra se enche de conteúdo.

Aos espanhóis também lhes podemos chamar nacionalistas. Da mesma maneira que aos membros dum clube de golf muito “exclusivo”, podemos dizer que é classista. Classista burguês e nacionalista espanhol nestes exemplos.

Como comunistas galegos somos nacionalistas e temos que ser independentistas, a não ser que não entendamos nada do mundo no que vivemos.

Um comunista galego que não seja independentista é como um comunista sul-africano que não seja anti-apartheid, um sem-sentido.

Silfrido N.

---

## **Evolução nacional, factores destacáveis. Breviário político revolucionário**

### **Evolução mundial:**

Depauperação absoluta da humanidade pelo imperialismo (mais de 1.020 milhões de pessoas passam fome no mundo, dados da FAO 2009). Extensão das guerras imperialistas pelo mundo. As transnacionais tentam comprar África e

---

Latino América, umha mostra mais do agravamento na relação antagónica entre os camponeses pobres (que formam a maior parte da humanidade) e o imperialismo. A União Europeia, o BM, o FMI som uns órgãos do imperialismo em guerra coas classes obreiras e os povos do mundo.

### **A respeito da sociedade galega, podemos destacar:**

1) Proletarização crescente da sociedade galega, com mais de um milhão de pessoas que formam a classe obreira em activo (em idade de trabalhar excluindo estudantes), às que hai que somar desempregados, pensionistas, etc. 2) Concentração da povoação nos núcleos urbanos da costa. Abandono do rural. 3) Consolidação dumha burguesia galega. 4) Aumento espectacular do desemprego nesta crise (mais de 310.000 em termos reais). 5) Ofensiva reaccionária do capitalismo contra os direitos económicos e políticos do proletariado.

Por último reparemos que cada povo tem as suas particularidades históricas únicas. Nom hai nengumha nação exactamente como Galiza.

### **O proletariado galego:**

A classe obreira sempre é nacional, nunca é nacionalmente neutra. Forma a classe obreira galega quem vive e trabalha na Galiza, com independência de onde nascera, da sua lingua, religião, ou cor da pel. Som classe obreira as pessoas dumha sociedade nacional que vendem a sua força de trabalho e recebem um salário nom superior ao valor que aportam, ou os que formam parte do exército laboral de reserva (desempregadas). Isto tanto pode ser na produção, como em trabalho aportado a satisfazer umha necessidade social, física ou intelectual, numha sociedade, e medido em tempo de trabalho. A vanguarda do povo trabalhador galego (organizado principalmente no MLNG e no MOG) é o proletariado galego.

### **A nossa language:**

Os revolucionários nom podemos utilizar a language do

---

inimigo. Por isso nunca podemos utilizar cousas como “mercado laboral” como sinónimo de classe obreira. E para isto tamém é fundamental a formaçom, a discusom da linha política e a experiênciã prática nas luitas populares.

### **A língua:**

A linguística sempre é social, co que a palabra socio-linguística é umha redundância. Como a língua é social tem um carácter de classe. Por isso devemos denunciar a repressom laboral do galego e demais problemáticas da utilizaçom do galego pola classe obreira.

### **As alternativas do proletariado estám:**

No MLNG, no MOG, movimento anti-repressivo, actividade internacionalista, da mocidade, feminista, etc. Ou seja, em trabalhar nos movimentos sociais para lhes dar carácter revolucionário.

### **Definiçom de Galiza:**

sociedade nacional dividida em classes sociais antagónicas.

### **A pequena burguesia no MLNG:**

É obvia a existênciã de posturas pequeno burguesas no MLNG. Teremos tacto no trato, evitando ao mesmo tempo umha má influênciã sobre a mocidade, assi como a utilizaçom dos meios do movimento para a difusom de mensagens confusionistas e anti-científicas sem a adequada réplica científica e revolucionária.

### **A nossa alternativa é a independênciã, o poder popular e o socialismo:**

A classe obreira galega, à cabeça do povo trabalhador galego, em contradiçom antagónica co poder político (estado) da oligarquia espanhola e a burguesia galega.

O proletariado necessitamos tomar o poder político, construir a democracia proletária para podermos, entre outras cousas,

---

planificar a economia, socializar os meios de produçom e ter os meios para defendermos os avanços (o estado obreiro). A Pátria socialista galega é o nosso objectivo. É o caminho do progresso para o nosso povo e para contribuir ao progresso da humanidade.

Efesto F.

---

## **Perguntas frequentes e breviário revolucionário**

### **Porque é importante a teoria?**

1) A teoria científica contém o método que nos dá a capacidade de julgar correctamente a realidade e os novos fenómenos sociais. Sem este método também podemos julgar correctamente certo fenómeno social. A questom é que ao fazê-lo sem método erramos no nosso juízo muitas mais vezes, acertaremos intuitivamente ou por casualidade, e nom poderemos aprender sistematicamente dos nossos erros para melhorar os nossos juíços.

2) Permete-nos encontrar a linha política justa, para poder incidir conscientemente na realidade e mudá-la num sentido revolucionário.

3) A militância necessita saber por que milita. Por que realiza um determinado trabalho voluntário, cedendo generosamente o seu tempo polo bem comum da nossa classe, da nossa sociedade e de toda a humanidade.

4) Geralmente as pessoas com mais formaçom política som mais firmes nas suas conviçons e mais dificilmente desmoralizáveis (porque encontram mais facilmente explicaçom para os momentos de refluxo histórico e porque sabem, polo conhecimento do Materialismo Histórico, que as

---

contradições sociais no imperialismo sementam a história de possibilidades revolucionárias).

### **Qual é o caminho da emancipação do proletariado galego e do progresso social?**

Para isto é imprescindível conquistarmos o poder político. Por esta razão é necessário romper co estado espanhol. O proletariado galego necessita auto-organizar-se no MOG e no MLNG para podermos ser donos do nosso destino e solucionar os grandes problemas da nossa sociedade: desemprego, precariedade, vivenda, as más condições laborais, pensons miseráveis, falta de liberdades políticas, persecução política do proletariado revolucionário, etc.

Sem uns movimentos sociais combativos (MLNG, MOG, etc), dirigidos polo proletariado, politizados, armados coa teoria revolucionária e portanto exigindo os nossos direitos políticos colectivos de auto-organização, greve, manifestação, expressom, autodeterminação, etc, nom poderemos construir umha Galiza melhor, nem contribuir a conseguir um mundo de justiça e liberdade.

Livrar-nos do estado espanhol é umha necessidade para o proletariado galego. O estado espanhol é o garante, mediante o monopólio da violência e a aplicação da repressom, de que nom se produzam as mudanças sociais que precisamos como povo. É o responsável de que nom poidamos resolver os grandes problemas sociais, o responsável de garantir a exploração do proletariado.

### **Qual é a caracterização deste momento histórico?**

Neste momento sofremos umha grande ofensiva reaccionária do capitalismo contra os povos do mundo.

O capitalismo já nom consegue o progresso social, senom que cria retrocesso social.

Esta ofensiva reaccionária do capitalismo contra os povos do

---

mundo tem como consequência a guerra, a repressão e o crescimento do desemprego e as desigualdades como os três factores mais destacáveis deste momento histórico. O motivo desta ofensiva é o processo de decadência no que se encontra o capitalismo. A consequência desta ofensiva reaccionária é o retrocesso social. Este retrocesso é um fenómeno histórico que indica que já passou o momento histórico do capitalismo, e também indica a necessidade que tem a humanidade de superá-lo construindo o socialismo. Hai que aclarar que esta ofensiva só tera fim quando consigamos parar-lhe os pés à reação, mediante a luta da classe obreira galega.

A classe obreira galega sofre um autêntico drama co desemprego, a perda de nível adquisitivo, o empobrecimento, a precariedade, a repressão do uso do galego, a suba dos preços dos alimentos, da energia, a vivenda e outros bens de primeira necessidade.

Só mediante a mobilização e a luta poderemos parar esta ofensiva.

### **A classe obreira é nacional?**

É, é inevitavelmente nacional. Porque a humanidade se divide em sociedades nacionais e a classe obreira é umha das classes (partes) em que se divide a sociedade nacional.

Por isto a classe obreira galega é objectivamente nacional. Forma parte da sociedade galega e tem umhas características, costumes, psicologia e dinâmica económica próprias e únicas e que tenhem umha orixe precapitalista.

Que som as classes sociais e que é a classe obreira já foi definido cientificamente nos estudos das sociedades humanas feitos por Marx e Engels fai mais de 150 anos. Nom reconhecemos a definição de “classe trabalhadora”.

### **É estatal o aparelho repressivo das classes exploradoras?**

É, o monopólio da violência está em maos dos estados. Som



---

os estados os que formam o aparelho repressivo da oligarquia, os exércitos, a polícia, os tribunais, os cárceres, etc. Som os estados os que garantem a exploraçom e o estado espanhol o que garante a exploraçom da classe obreira galega.

### **Que é a classe obreira?**

As classes diferenciam-se em primeiro lugar por qual é a orige da sua renda. A classe obreira consegue a sua renda vendendo a sua força de trabalho. A classe obreira nom recebe nunca umha renda (um salário) superior (mas inferior) ao valor que aportou à sociedade co seu trabalho.

Tamém hai outra maneira de identificar as pessoas que formam a classe obreira, que consiste em saber onde estám situadas objectivamente na luta de classes. Assi, Marx ou Lenine, tendo umha orige pequeno-burguesa eram obreiros, ainda que nom participaram na actividade económic, ao realizar um trabalho político útil na luta de classes para o proletariado. Eles tamém eram proletários. A sua praxe social na luta de classes tamém serve para identificar a estes e outras revolucionárias.

### **Mercado de força de trabalho ou mercado de trabalho?**

O que merca o capital nom é trabalho, como já dizia David Ricardo, mas força de trabalho, como dizia Karl Marx. No capitalismo a força de trabalho é umha mercadoria mais. Tendo a força de trabalho a qualidade única de criar mais valor (plusvalia) do que custou.

### **O desemprego?**

O desemprego é um drama social. Um crime contra a classe obreira, um drama criado polo capitalismo. O maior problema social e que só o proletariado pode solucionar.

---

## **É possível um bloco independentista revolucionário nos actos de massas?**

É, com audácia.

Se analisamos bem a realidade do MLNG e do MOG neste momento, veremos a necessidade de ter mais presença com um bloco independentista revolucionário nos grandes actos de massas, com umha mensage proletária revolucionária.

Este bloco é umha possibilidade totalmente viável, e tanto a nossa base social como o conjunto do povo trabajador galego precisam-no.

Que organização concreta tenha este bloco nos actos de massas nom é o importante. O importante é que a nossa falta de visom e de audácia política leva-nos à nom constituçom e organizaçom deste bloco.

A nossa falta de audácia política paraliza-nos, por isso: audácia, audácia e mais audácia.

## **Qual é o caminho do socialismo?**

Sem a conquista do poder político polo proletariado galego é impossível caminhar cara o socialismo.

Sem umha república proletária galega, nunca poderemos construir a Pátria Socialista Galega, nem o progressso social e tampouco contribuímos a ter umha humanidade socialista primeiro e comunista depois.

## **O MOG e o MLNG?**

O MOG e o MLNG som os movimentos sociais mais combativos, revolucionários, influentes e prioritários para o progresso do povo galego.

Actualmente o movimento obreiro está em “hivernaçom”,

---

sendo prioritário para a nossa classe animá-lo e organizá-lo. Só nas greves e conflitos podemos albisar a capacidade do MOG. Organizemos e radicalizemos as luitas.

### **Que é a riqueza?**

Toda riqueza que hai no mundo é trabalho. Sem trabalho humano nom hai riqueza de nengum tipo.

A riqueza é qualquer fruto do trabalho que satisfaz necessidades sociais tanto físicas como intelectuais.

### **Que som as mercadorias? Qual é o valor das mercadorias?**

As mercadorias som bens socialmente necessários, que fôrom produzidos para realizar o seu valor no mercado e nom para a satisfaçom dos seus produtores.

O valor de troca é o trabalho socialmente necessário para produzir, transportar e realizar no mercado a transformaçom em dinheiro dumha mercadoria.

Análise funcional da mercadoria:

Vejamos agora como podemos fazer esta análise. Atendendo à sua funçom social, podemos dizer que umha mercadoria está inevitavelmente composta por: trabalho abstracto mais trabalho concreto. Ou o que é o fruto deste trabalho na mercadoria: valor de troca mais valor de uso.

O valor de troca tem a sua orige no trabalho abstracto. Que nom é mais que o que tem em comum qualquer tipo de trabalho humano: o desgaste físico e intelectual medido em tempo de trabalho.

O trabalho abstracto sempre está unido ao trabalho concreto. Na mercadoria estas duas características do trabalho transformam-se no valor de troca e no valor de uso (que é o efeito do trabalho concreto.) Sem valor de uso nom existe valor de troca, porque estão indisolavelmente unidos. A separaçom é impossível de realizar objectivamente numha

---

mercadoria real.

Análise orgânico da mercadoria:

Busca a origem física das partes que formam a mercadoria.

O capital constante é trabalho “morto” (a maquinaria, a energia, as matérias primas e as auxiliares); mais o capital variável, que é trabalho vivo e pago (o preço da força de trabalho, salário); mais a plusvalia, que é o excedente de trabalho não pago.

### **Que é o capital?**

a) É um sistema social dumha época histórica, b) baseado num valor que se revaloriza a si mesmo, c) transformando-se em meios de produção privados, d) mediante a exploração dumha(s) pessoa(s) que vendem a sua força de trabalho (obreiras), e) e do que o capital obtém a plusvalia.

Capitalismo é sinónimo de mercadoria e mercado?

Nom. As mercadorias estiveram nos mercados historicamente muitos séculos antes de nascer o capitalismo.

O capitalismo contou na sua história com: mercado da livre concorrência (hegemónico na sua fase de expansão); mais o monopólio; mais os oligopólios (hegemónico na fase de decadência).

### **Que é e para que serve o crédito no capitalismo?**

1 É o valor de supostos bens que na teoria se produzirão no futuro; 2 também é o método que serve para regular a massa de dinheiro que circula na sociedade; 3 e também é um meio de acumulação capitalista, ao transformar a plusvalia ociosa em capital.

### **Os “mercados de valores” são mercado?**

Nom. No verdadeiro mercado vendem-se e mercam-se mercadorias reais. Nos “mercados de valores” especulam com

---

papéis, com títulos de propriedade que na maior parte das vezes nom se correspondem com um verdadeiro valor.

Ao nom existir mercadorias reais nestes supostos “mercados”, nom rege a lei do valor. Nos “mercados de valores” reina a aparente “liberdade” das leis da economia. Mas a riqueza existente numha sociedade é um feito objectivo e quando queiram tranformar a sua “riqueza” fictícia em riqueza real entenderá-no.

### **Que é o capital financeiro fictício e “a riqueza” fictícia?**

Quando umha empresa entra em bolsa ou fai umha ampliação de capital converte uns papéis (títulos de propriedade) em dinheiro e este em capital. A partir daqui o que subam na bolsa estas açõs é um capital fictício e que nom tem que estar respaldado polo trabalho, porque funciona independentemente do capital real. Os lucros obtidos nas vendas destes títulos som umha “riqueza” fictícia, porque nom se deve ao fruto dumha plusvalia do trabalho real. Assi, a bolsa de valores só pode obter lucros quando o dinheiro que entra (novos fundos especuladores) som maiores dos que se retiram destes falsos “mercados“. Aquí, onde nom existe um mercado real e portanto nom rege a lei do valor, reina a oferta e a demanda, ou o que é o mesmo, a mai da especulação.

### **Qual é a origem primária da crise económica?**

### **Que é a lei económica da tendência histórica à diminuição da taxa de lucro meia no capitalismo?**

A origem primária da actual crise e de todas as crises económicas estruturais do passado está na contradição interna inerente ao próprio sistema social capitalista entre o carácter social do trabalho e o carácter privado tanto da propriedade dos meios de produção como do processo de apropriação das mercadorias.

A lei da tendência à diminuição da taxa de lucro é umha lei económica descoberta por Karl Marx e descrita no terceiro

---

libro do Capital. Esta lei económica di-nos que coa passagem do tempo cada vez hai que invertir mais riqueza para criar um capital e para poder obter o mesmo lucro. Se a primeiros do século xx para obter 25 de lucro havia que ter um capital de 100, agora, para obter 25, hai que ter um capital de 2000. Esta lei tem umha grande importância para entender a crise capitalista.

Parecia que esta lei económica nom se aplicava nos “mercados financeiros”, nem nos “mercados imobiliários”, mas: 1) como vimos os “mercados financeiros“, nom som verdadeiros mercados; 2) os “mercados imobiliários”, tampouco som verdadeiros mercados de livre concorrência onde impera a lei do valor, senom que están totalmente condicionados pola propriedade privada dumhas pessoas que acaparam o terreno para criar uns oligopólios, à marge do mercado; 3) tanto o “mercado financeiro” como o “mercado imobiliário” pareciam que escapavam das leis económicas objectivas do capitalismo e que podiam criar muita “riqueza”. Mas a realidade económica, a sociedade, com um modelo de relaçons sociais determinado, e que tem sempre no trabalho humano a orixe forçosa da riqueza, impera sobre qualquer mentira subjectiva.

J F Sebastiam.

---

## **Sobre o sector “público” e a privatizaçom das caixas**

Quando amiúdo se fala de sector público ou da banca pública, em realidade devemos dizer sector estatal e banca estatal, porque realmente é estatal e porque o capitalismo nunca tivo problema para usar os recursos do estado para obras que capitais individuais nom podem realizar, ou

---

estatalizar empresas quando chega a crise. Lembremos: nem o estado nem as suas instituições som neutros. Por isso nom nos podemos deixar enganar polos cantos de sereia do mal chamado sector público, porque num estado burguês este nom é umha alternativa de nada, senom um dos seus recursos na nossa contra. O nome nom é importante, mas a quem beneficia, a que interesses serve. E nom som os nossos. Em primeiro lugar por mui de capital “público” que poida ser umha banca ao estar ao serviço dum estado burguês, dumhas instituições do estado espanhol, serve naturalmente aos intereses do capitalismo, da oligarquia espanhola e tamém aos interesses da burguesia nacional.

Todos os conflitos entre PP, PSOE e BNG polas caixas de aforros nom é mais que um conflicto entre diferentes sectores da burguesia galega e desta coa oligarquia estrangeira.

Nengumha organização popular pode dar crédito às mentiras burguesas sobre “a banca pública” galega, ou as diferenças “políticas” entre o que pretendem as diferentes caixas.

As caixas de aforro funcionam igual que qualquer outro banco privado. A sua política “social” com bibliotecas, escolas de negócios, simpósios, instituições culturais, eventos e subvenções a organizações da burguesia galega nom é qualitativamente diferente aos fundos que para o mesmo fim utilizam os bancos privados noutros estados impulsados polo desejo de aforrar impostos.

À classe obreira no seu conjunto nom lhe importam estas fusons. Às empregadas destes bancos naturalmente que si.

Legolas E.

---

## Do decrescimento e do eco-pacifismo

Em épocas de funda crise estrutural e de decadência da classe social dominante é mui comum ao longo da história o jurdimento de ideologias fatalistas, apocalípticas, anti-enciclopedistas, primitivistas, etc, que louvam as virtudes da pobreza dumha maneira que nom deixa de ser reaccionária, apesar da sua suposta crítica ao sistema existente.

Na Idade Média múltiplas correntes ideológicas, todas com um marcado carácter místico, podem ser objecto de estudo. Estas correntes ideológicas predicavam a santidade da pobreza para salvar a alma (agora o mundo). Predicavam a pobreza justificando-a como algo “natural” e santificador. Tentavam convencer aos ricos senhores para praticarem a limosna.

Nom diziam que a riqueza dos senhores era o fruto maduro da árvore da exploração dos servos. Nem que para acabar coa pobreza de muitos tinham que acabar coa riqueza duns poucos, da aristocracia e do clero. Nom, isso nom. Por isto, por nom discutir nem a propriedade nem a questom do poder, todas estas ideologias tenhem sempre um transfundo reacionário.

Os novos apóstolos do decrescimento, agora na decadência do capitalismo, tamém se movem dentro deste micro-mundo ideológico. Como é impossível seguir vivendo como viviam (pequena burguesia, “profissoes liberais”, autónomos, “aristocracia operária”) buscam umha justificação para a sua inactividade. É um meio de salvação moral, ou um meio de salvação da natureza, mas nom é soluçom de nada. A soluçom passa por enfrentar-se aos problemas, culpar aos responsáveis, lutar polo poder.

Para justificar o injustificável utilizam a pseudo-ciência:



---

hipótese Gaia, demonização da espécie humana, hipóteses de povoação para sociedades humanas sedentárias seguindo Malthus, etc.

Dim que a povoação humana é excessiva no mundo. E a sua solução é decrescer, condenar a fome as povoações dos países subdesenvolvidos e ao empobrecimento da classe obreira dos países industrializados. Vem a felicidade na pobreza e a enfermidade na riqueza.

Desde que a nossa espécie descobriu a agricultura sedentária e a galaria deixárom de ser aplicáveis para nós as leis de povoação do resto dos animais (porque nom esqueçamos que nós tamém somos animais, ainda que qualitativamente superiores). Os outros animais, quando entram num novo ecossistema apto para eles, começam a reproduzir-se. Podemos representar graficamente esta povoação mediante umha curva que sobe e sobe até que provocam umha sobrepopoação. Produz-se entom umha diminuição dessa povoação, até o momento em que se estabiliza formando graficamente umha recta no tempo. Esta recta só varia coa chegada doutra espécie, as inevitáveis mudanças climáticas naturais e o inevitável processo natural da mudança no tempo -evoluçom- das próprias espécies. Como podemos ver estes processos naturais de mudança som mui lentos.

Co método científico podemos conseguir estabelecer uns parâmetros das povoações animais do tipo: terreno por indivíduo (ou unidade familiar), alimento por indivíduo, etc, que precisa um determinado ecossistema.

Coa espécie humana qualquer cálculo deste tipo nom tem sentido, devido a que nós, quando inventamos a agricultura sedentária e a galaria, exprimindo as vantagens da language, possibilitamos umha evoluçom produtiva e cultural muito mais rápida (qualitativamente superior) que a do resto do

---

mundo animal.

A diferença doutros animais nós criamos e acumulamos cultura (no sentido abrangente da palavra). Esta acumulação podemos qualificá-la como progresso e tem um carácter histórico.

Coa passage da história, cos adiantos científico-técnicos, o nosso planeta pode alimentar a mais e mais pessoas. Qualquer tentativa de determinar leis naturais da povoação para a humanidade à marge do desenvolvimento científico-técnico histórico choca coa realidade. Entom: qual é o máximo de povoação que pode suportar o nosso planeta?

Nom podemos responder a essa pergunta, primeiro porque cada época histórica tem um máximo, que nom deixou de aumentar até o de agora e que só pode seguir aumentando num sistema social progressista. Segundo, nas sociedades humanas o número de pessoas depende mais de fenómenos económico-políticos (hoje do imperialismo) que da capacidade técnica.

Pode ser “boa” a crise? Pode ser bom o decrescimento económico?

Para a classe obreira a crise capitalista é desemprego, precariedade, hiper-exploração, fome, repressom.

Que opiniom devemos ter de quem predica a pobreza?  
Como filosofia de vida pequeno burguesa individualista: “cada tolo co seu tema”.  
Como “teoría científica”?

Umha mentira reaccionária, à que temos que nos opor, porque nom fai mais que espalhar confussum sobre a explicação das crises ecológica e moral (sobre a destruição da Terra polo capitalismo e sobre a separação e

---

subordinação do ser humano ante a natureza) e qual é a alternativa: o socialismo.

Se paralizássemos a indústria petroquímica e a utilização de combustíveis fósseis dum dia para outro, encontraríamos-nos ante a falha de electricidade, aquecimento, transporte por terra, mar e ar, embalagens estéreis, insecticidas (que ainda sendo nocivos som umha necessidade). A povoação do norte e centro de Europa morreria congelada e os sobreviventes deforestariam o território.

Precisamos controlar os recursos e implementar planos racionais de crescimento económico, isso as comunistas fomos as primeiras em dizê-lo. Mas se as absurdas teorias ideológicas dos apóstolos do decrescimento e do eco-pacifismo fossem postas em prática no mundo o resultado (sendo optimistas) seria a morte de  $\frac{3}{4}$  partes da humanidade.

Estes eco-pacifistas, sempre dispostos a condenar a violência revolucionária das oprimidas frente ao inimigo do povo, sempre dispostos a tratar igual ou muito pior aos oprimidos que lutam polo bem comum. Sempre dispostos a criticar o comportamento individual das pessoas, a manter-se puros seguindo os seus “rituais eco-paci” sem fazer crítica nengumha do poder político, nem do capitalismo como sistema social, nem chegar jamais a contribuir na luta de classes do proletariado por um mundo de progresso para o nosso povo e toda a humanidade.

Enfim... estas eco-pacifistas, decrescimentistas, sempre dispostas a trabalhar grátis para o capital, reciclando lixo nas suas casas, nom vaia ser que os capitalistas tenham que pôr um local e algum empregado pagado polos capitalistas para separar o lixo.

Légolas E.

---

## **As greves gerais. Resultados e perspectivas**

### **Por que CCOO e UGT convocárom umha greve geral?**

Saber porque estes sindicatos verticais CCOO e UGT convocárom umha greve geral exige um estudo em profundidade. Coloquemo-nos na pel da oligarquia. Ante a sua disjuntiva. Dum lado umha greve geral que implica perdas económicás para os exploradores, e um possível reforçamiento do MOG e dos outros movimentos obreiros dos povos do estado. Do outro lado a nom convocatória da greve por estes sindicatos, e assi ter menos perdas para as exploradoras, mas umha perda de credibilidade de CCOO e UGT entre a classe obreira galega, o que implica um grande debilitamiento da oligarquia e da burguesia nacional.

Preferem umha perda económicá à perda política de grande calado que seria perder a influêncía que tem esta gente (as direçons de CCOO e UGT) para o control e desmobilizaçom da classe obreira.

A isto hai que engadir-lhe um factor de importáncia menor, mais “interno” aos sindicatos verticais: enganar aos poucos sindicalistas honestos que ainda permanecem nessas estruturas.

Às classes exploradoras interessava-lhes ao mesmo tempo que a greve fosse um fracasso e que CCOO e UGT convocassem a greve e fisessem de apaga-lumes. Umha greve-farsa.

Só dentro deste complexo jogo de interesses e corrupçom som compreensíveis as declaraçons de Cândido Méndez de que “esta greve é umha putada”, ou a sua assistêncía o dia anterior a um acto “reivindicativo” da chacurrada, das mesmas forças repressivas que garantem a propriedade

---

privada dos meios de produção, a repressão da nossa classe e a pervivência do actual sistema.

### **A greve do 29 de Setembro.**

Em inquéritos prévios à primeira greve geral, publicados em diversos meios de comunicação, prognosticavam um seguimento dum 20%. O resultado nos principais núcleos da Galiza foi dum 80%, dum 90% na indústria do transporte e dum miserável 25% entre o funcionariado. Parece que a principal reivindicação do funcionariado (a recuperação na baixada dum 5% de meia do seu salário) não fosse a reivindicação da greve provocou que o sector, com pouca consciência de classe e fortemente corporativista, se desmobilizara.

Pudemos ver as barricadas, os ataques a bancos, o autocarro que trazia a jogadoras do Celta parado, as cadeias de Citroen paradas durante várias horas, locais de esquirolage atacados, um autocarro queimado o dia anterior, 19 detidos, polígonos bloqueados, etc.

Os dados da greve demonstram a grande potencialidade em combatividade do MOG. A oposição proletária ao decreto da contra-reforma laboral quedou bem clara.

As manifestações de Vigo (sendo uma cidade mais bem pequena) foi a terceira mais grande das cidades do estado espanhol. Nas outras cidades galegas também foi muito importante a assistência às mobilizações.

Os piquetes impugneram a lei proletária, o poder proletário, que se impôs sobre a lei do estado. Os líderes sindicais, dispostos a fazer o paripé da greve de mentira obrigados pela situação, encontraram-se desbordados.

Deu-se a autêntica luta de classes. Uma luta na que se pôs em discussão quem impôs a lei nas ruas, nas fábricas, nos locais, no transporte, na construção, nos serviços, no

---

comércio, etc.

A greve nom conseguiu deter a ofensiva reaccionária. Como tam-pouco rematou a organizaçom do MOG e o que aprendemos onte, usaremos-lo amanhã.

No mundinho sindical podia-se escuitar cousas como que esta greve nom resolveria nada e que nós nom deveríamos fazer-lhe o trabalho aos lacaios do poder CCOO, UGT. E mais tendo em conta as manobras anti-obreiras como a de nom ter passado pola assembleia obreira o convénio do metal de Pontevedra do ano 2009.

A nossa resposta a isto foi que devemos participar para: 1) aprender como funcionam as massas; 2) medir o grau de control sobre as massas obreiras que tenhem os dirigentes sindicais; 3) conhecer as pessoas mais interessantes que participam nas mobilizaçoms; 4) comprovar a eficácia repressiva do inimigo; 5) nunca devemos separar-nos das massas proletárias que formam o movimento obreiro galego. Separar-se das massas obreiras nunca é o caminho revolucionário.

Entre os feitos a destacar na greve de Setembro está a actuaçom de Manuel Mera do “Movimento galego o socialismo” assi como a do novo secretário comarcal de Vigo da CIG. O primeiro, actuando como um autêntico chacurra e colaborando co inimigo. O segundo tivo a cara de tentar dissolver o piquete principal na Porta do Sol de Vigo. Ao nom ser capaz de fazê-lo tentou “fugir” a toda velocidade cos seus seguidores, deixando ao resto nessa rua com as grilheiras da chacurrada, para ir eles ao local do sindicato a comer pinchos. O desinteresse dos sindicatos maioritários em mobilizar durante a greve vê-se em que, a pesar de chamar-se greve de 24 horas, nom organizárom nada para depois das grandes manifestaçoms. Estes exemplos mostram a catadura moral da burocracia sindical.

---

## **A greve do 27 de Janeiro.**

Neste dia tivo lugar a primeira greve geral convocada em solitário polo sindicalismo nacionalista desde hai mais de vinte anos.

A CIG negou-se a realizar umha convocatória com outras organizaçõs sindicais, cousa que si figérom em Euskal Herria ELA e LAB (convidárom às outras organizaçõs sindicais, mesmo as mais pequenas).

A organizaçom desta greve respondeu aos interesses dumha direcçom burocrática e separada dos interesses da classe obreira galega.

A publicidade dumhas siglas estivo por riba da necessária luta para podermos parar e reverter as medidas anti-obreiras.

O objectivo da direcçom da CIG era, por umha parte, diferenciar-se de CCOO e UGT, e por outra, convocar grandes manifestaçõs só co seu nome. Tinham medo que outras pequenas organizaçõs pudessem “roubar-lhe” protagonismo hollywoodense.

Foi umha greve sem objectivos sinceros, mais alá de dar-se bombo público a eles mesmos e aos seus amigos de partido (BNG). Umha greve que tentou por todos os meios apagar e obstruir a luta de classes, que evitou e furtou a luta política e que desprezou o mais mínimo ABC do sindicalismo consequente: desputar-lhe as ruas e os centros de trabalho à burguesia.

## **Que propomos?**

O proletariado revolucionário galego (igual que no resto de europa e dos u.s.a.) enfrenta-se a umha forte ofensiva.

Só hai umha maneira de parar esta ofensiva e é com um contra-ataque proletário na luta de classes, aumentando e radicalizando as greves e mobilizaçõs.

---

No futuro imediato o MOG deve reclamar aos sindicatos legais a convocatória dumha greve geral nacional com objectivos claros e o norte estratégico de parar e reverter a ofensiva. Implicaria, como mínimo: a derogaçom dos decretos e das leis anti-obreiras; trabalho para todas as desempregadas ou um ingresso como salário social temporal; liberdades políticas plenas (manifestaçom, greve, organizaçom, expressom, autodeterminaçom); amnistia para os presos e repressaliados políticos galegos; nacionalizaçom da banca e oligopólios; controlo popular sobre a economia.

As massas proletárias devem ser conscientes de que nos vai a vida nesta batalha e que só o proletariado organizado nos movimentos revolucionários pode parar e reverter este processo. Processo que se nom o paramos nós continuará depauperando o povo trabalhador.

A luta é o unico caminho.

Galadriel E.

---

## **Para que trabalhamos? Os objectivos estratégicos do proletariado galego**

Podemos nomear os objectivos gerais polos que trabalhamos politicamente dividindo-os em diferentes praços.

A curto praço trabalhamos politicamente para: 1) Socializar a teoria revolucionária, com umha linha política justa, aos movimentos revolucionários (movimento obreiro galego MOG, movimento de libertaçom nacional galego MLNG, etc); 2) reforçar os movimentos, 3) conformar organizaçoms proletárias revolucionárias.

A meio praço: 1) seguir reforçando os movimentos revolucionários; 2) reforçar as organizaçoms proletárias



---

revolucionárias; 3) criar um contrapoder proletário; 4) convencer do justo da explicação científica do mundo, portanto comunista, e mobilizar as massas proletárias e a maior parte do povo trabalhador galego.

A longo prazo: 1) Lograr o poder político para o proletariado (democracia proletária); 2) independência para a Pátria socialista galega; 3) construir o progresso proletário.

A mais longo prazo: Os povos do mundo construiremos o socialismo e depois o comunismo seguindo o historicamente necessário progresso social da humanidade.

Esta estratégia exige diversas linhas táticas históricas em cada trabalho político sectorial concreto. Esta táticas indicam-nos como trabalhar (estilo de trabalho, política de alianças, como realizar a agitação, a propaganda e a organização) em cada movimento social concreto, numhas determinadas circunstâncias históricas. O que nom pode suceder é que a tática entre em enfrentamento coa estratégia. Nom pode suceder que por tacticismo perdamos a visom política, que esqueçamos os nossos objectivos políticos, caindo no oportunismo tacticista que nom leva a nada.

Silfrido N. Filipe M.

---

## **Prognóstico social: quatro hipóteses**

O nosso prognóstico de evolução social, está baseado em quatro possíveis hipóteses. As nossas hipóteses sobre o futuro tenhem que basear-se no estudo histórico da luta de classes a nível mundial e no estudo das sociedades nacionais, tanto nas que existem actualmente, como em outras já desaparecidas. As nossas hipóteses sobre a situação social no futuro som estas:

---

1) As classes obreiras dos povos do mundo tomam o poder político e constroem um mundo socialista.

2) Num grupo de nações o proletariado toma o poder político. Umha via proletária de progresso em paralelo coas sociedades baixo o capitalismo. Esta situação só pode ter um carácter transitório.

3) O capitalismo encontra umha nova energia barata, oligopolizável ou monopolizável, que lhe permite iniciar umha nova onda longa do capitalismo (Kondratiev).

4) O capitalismo perde a capacidade histórica de criar progresso social mediante a ciência e a luta de classes. O capitalismo esgota-se ao passar o seu ciclo histórico. O proletariado nom pode tomar o poder. Retrocesso social. A burguesia (como no passado outras classes sociais), nega-se a abandonar o poder político e perder os seus privilégios. O novo fascismo post-capitalista substitui o capitalismo. Retrocesso social. Guerras autodestrutivas. O novo fascismo fai o mundo inabitável para a humanidade. Fim da história.

Silfrido N.

---

---

---

**LIBERDADE PRESOS INDEPENDENTISTAS !**

**Ateneu Proletário Galego** 

**Nº2 quem somos nós? quen é o nosso inimigo? em que terreno lutamos?**

**LIBERDADE PRESOS INDEPENDENTISTAS !**

---